

Ensino Particular de Instrumento: Do tocar ao Ensinar – O que dizem os autores?

Antonio Chagas

Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Universidade Federal de Sergipe (UFS)
achabach@hotmail.com

Leila Dias

Universidade Federal da Bahia (UFBA)
leidias12@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo geral compreender os fatores que influenciam músicos performáticos a se tornarem professores de violino. Este artigo objetiva trazer considerações e reflexões sobre o processo de “tornar-se professor” enquanto músico, especialmente no que se refere ao ensino particular de instrumento. O auto reconhecimento desse profissional é tratado como um dos pontos importantes deste trabalho, demandando assim não só um diálogo com autores da área de Educação Musical mas também visitar os campos da sociologia e psicologia que, de algum modo, possam contribuir para um melhor entendimento da questão abordada. Nesses estudos, pôde-se destacar que o caminho percorrido pelo músico tem influência incisiva no “tornar-se professor de instrumento”, ou seja, o ensino particular como porta de entrada. Entretanto, observa-se uma fragilidade na identidade profissional durante esta fase.

Palavras chave: Educação Musical, Professor particular de instrumento, Identidade Profissional.

Introdução

Ao iniciar o estudo de um instrumento musical, a primeira intenção, da maioria dos alunos, é desenvolver a prática performática em seu instrumento. Isto pode ser simplesmente por deleite próprio, para tocar em um conjunto musical ou até vislumbrar um curso de bacharelado para se profissionalizar.

A carreira de músico possibilita muitas atuações profissionais. Com ou sem formação acadêmica, essas pessoas podem atuar em orquestras e/ou bandas, em diversos estilos, e em grupos instrumentais e/ou vocais. Estas práticas podem ser constituídas de diversas maneiras como afinidade, necessidade, imposição, oportunidades no mercado de trabalho, entre outros. Smilde (2008) mostra que um relatório britânico intitulado “*Criando um país com a música*”, da Youth Music (2002) identifica mais de cinquenta funções ou habilidades relacionadas à área de música. O autor complementa:

(...) o músico dificilmente possui um emprego vitalício, e sim, uma carreira composta de trabalhos simultâneos ou sucessivos e/ou de meio-expediente nas diversas áreas da profissão musical. A combinação mais comum na carreira portfólio é a de artista e professor. A carreira portfólio não quer dizer que o músico não possa ser um empregado; esta realidade reflete mudanças sociais, ao mesmo tempo que gera desafios. (SMILDE, 2008, p. 113).

Contudo, na atualidade, observamos um mundo cada vez mais dinâmico. Com o avanço tecnológico associado ao aumento populacional, a realização de múltiplas tarefas torna-se algo necessário à sobrevivência. A dificuldade de empregos vitalícios e a necessidade de trabalhos simultâneos e sucessivos, referidos pelo autor, constituem um panorama social digno de ser visto também pelo Educador Musical.

As oportunidades de empregos ficam mais escassas, originárias da concorrência e da instabilidade profissional. Bauman (2005), sociólogo que se debruça sobre o indivíduo na contemporaneidade, refere-se a um problema de depressão passado pela juventude no mundo contemporâneo, proveniente das “baixas expectativas de trabalhos para jovens recém saídos da escola” (BAUMAN, 2005, p. 18). Isso resulta, muitas vezes, em opções de trabalho diferentes daqueles de sua área de interesse e de formação.

Uma das formas utilizadas para contornar essa instabilidade é a inserção no meio pedagógico, por vezes até mesmo sem um interesse pessoal ou habilidade específica, como acontece frequentemente na área de Educação Musical em contraponto à área de composição, regência e bacharelado em instrumento. A oportunidade de trabalhar em uma instituição de ensino, adquirir um vínculo empregatício e obter um plano de carreira também são atrativos relevantes para a escolha da docência.

Isto nos faz refletir sobre a relação músico/professor. Essa nos traz algumas inquietações científicas quando tentamos compreender a causa de um músico instrumentista buscar a docência já que, como visto, não faz parte dos seus objetivos iniciais. Como, no decorrer de sua vida, um músico instrumentista adere como profissão o ato de ensinar? Quais são os aspectos motivacionais para isso? Esses profissionais se reconhecem como tal? Assim, neste artigo, buscamos refletir tais questões baseados em autores da área de Educação Musical, da sociologia e da psicologia. Com isso, esperamos ampliar as discussões e reflexões sobre o “tornar-se professor” processo tão corriqueiro na vida profissional de um músico, especialmente no que se refere ao ensino particular de instrumento.

Performance e Docência

Percebe-se que o músico instrumentista, embora atue em suas atividades profissionais prioritariamente em práticas interpretativas, acaba se deparando com situações de ensino e aprendizagem de instrumento ao longo de sua vida. Isso requer não só o conhecimento instrumental, mas também habilidades mais complexas que envolvem a relação do sujeito com a música, como bem descreve Kraemer (2000).

A relação instrumentista/professor é um ponto de reflexão já presente na literatura atual da Educação Musical (LOURO, 2004; MORAES, 2006; TOURINHO, 2006; VIEIRA, 2009). Como cada uma dessas funções exige habilidades distintas, acaba emanando uma dicotomia que acontece sobretudo quando o músico performático é direcionado para uma especialização instrumental, predominantemente se voltando para o aspecto técnico-musical.

O professor, em contrapartida, por lidar com aspectos cognitivos e motivacionais, portanto com processos fundamentalmente humanos, apresenta como principal característica a reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem. Porém, os cruzamentos destas funções profissionais se mostram frequentes no meio musical. Esta dupla atuação apresenta aspectos peculiares. Segundo Louro (2004).

A própria definição do que é uma profissionalidade em música ou em pedagogia, bem como na combinação de ambas, mostra-se muito mais complexa e plural do que uma simples definição de conhecimentos e destrezas associadas a essas profissões ou à opção entre um papel social de músico e/ou professor. (LOURO, 2004, p. 15).

Assim, desempenhar a função de professor de instrumento pode se iniciar de inúmeras formas e por diversas razões. Inicia-se, muitas vezes, pelo ensino particular na relação direta entre aluno e professor até mesmo por não demandar vinculação institucional ou empregatícia.

Também, esse professor se utiliza das facilidades que esta atuação traz, a exemplo da flexibilidade de horário do tempo de dedicação, que é adaptável conforme sua disponibilidade; da liberdade para escolher a metodologia a ser empregada nas aulas; questões de remuneração que podem ser decididas conforme as condições pré-estabelecidas. Quando as aulas de instrumento acontecem em escolas regulares ou especializadas, essas questões obviamente se submetem às normas de cada uma das instituições.

Além dessas características, o ensino particular também possibilita a conciliação com outras atividades, visto que na contemporaneidade as pessoas desempenham, cada vez mais, um número maior de funções. Segundo Malvezzi (2000), pesquisador da área de psicologia vinculada à administração, a globalização influenciou na circulação de atividades da população assim como no seu processo identitário.

A placidez e o conforto do exercício profissional através de um conjunto fixo de tarefas racionalizadas dentro do fluxo de produção e alocado numa posição de hierarquia (a forma do emprego na era industrial) cede espaço para um desempenho profissional caracterizado pela circulação de atividades continuamente recriadas pelas próprias equipes. (Malvezzi, 2000, p. 137).

Este mesmo autor afirma que a circulação de atividades profissionais é proveniente da dinâmica que o processo de globalização promove, “compelindo os indivíduos a criarem seus próprios empregos, definindo-os agora como atividades profissionais, caracterizadas por uma forma mais flexível” (MALVEZZI, 2000, p. 137).

Além disto, ele remete à sociedade tradicional, onde havia uma concepção do indivíduo como uma peça de uma engrenagem, o que possibilitava uma identificação com o papel profissional desempenhado. Ele exemplifica tal estabilidade de forma análoga a um músico que, ao executar uma partitura, seguindo simplesmente o que está escrito, tem a certeza do resultado, pois segue orientações bem demarcadas. Com isso, percebe-se que “nesses lugares, o trabalhador é menos influente na definição de sua identidade, não é ele sozinho que define quem ele é; seu posto de trabalho e suas tarefas contribuem com um peso significativo na definição de sua identidade.” (MALVEZZI, 2000, p. 139).

Difere então do professor particular de instrumento que se torna professor sem demarcação anterior, sem fazer parte de uma engrenagem, sem seguir orientações institucionais para seu percurso pedagógico. São, portanto, solitários em suas decisões e, mais que tudo, vão tornando-se professores particulares de instrumento sem ao menos se perceberem ou, mais ainda, sem definirem suas identidades profissionais.

Auto-Reconhecimento Profissional

Nas posições sociais, as relações profissionais contribuem, de modo importante, para se sustentar o processo identitário, já que estas fazem parte do processo de socialização do indivíduo. Dubar (2005) trata dessa dinâmica social afirmando que:

A socialização se torna um processo de construção, desconstrução e reconstrução de identidades ligadas às diversas esferas da atividade (principalmente profissional) que cada um encontra durante sua vida e das quais deve aprender a tornar-se ator. (DUBAR, 2005, p. XVII).

Nesta perspectiva, Alves et al (2007) apontam que os processos identitários “se desenrolam nas múltiplas relações da vida, que são heterogêneos, inseparáveis, complementares ou contraditórios.” (p. 273).

Estes papéis assumidos pelo indivíduo demandam atitudes, responsabilidades e comportamentos que fazem parte do processo de socialização. Dubar (2005, p. XVII) refere-se a socialização não mais como o “desenvolvimento de uma criança” ou “aprendizagem da cultura”, mas como “construção de um mundo vivido”, o qual pode ser criado e recriado ao longo da vida como é o caso do professor particular de instrumento que vai se tornando um professor à medida que a demanda e as oportunidades vão se construindo.

Malvezzi (2000) considera a identidade como algo construído a partir de um reconhecimento pessoal do indivíduo e da sociedade em que ele vive, ou seja, quando a própria pessoa e os outros a enxergam como pertencente a um grupo. Isto apresenta vínculo direto com o processo de socialização. Nesta mesma perspectiva, Alves et al (2007) considera que a formação identitária pode ocorrer através de dois processos: os biográficos, que se baseiam na visão que o cidadão tem de si mesmo; e os relacionais, que se utilizam da definição de mim empregada pelo outro.

Zygmunt Bauman (2005) aborda a questão da identidade como “um monte de problemas, e não uma campanha de tema único, é um aspecto que compartilho com um número muito maior de pessoas, praticamente com todos os homens e mulheres da nossa era líquida-moderna” (p. 19). Para exemplificar, o autor relata sobre um diálogo efetuado com sua amiga e colega de trabalho Agnes Hellen, onde esta se queixava da quantidade de identidades pertencentes a ela como: mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, e que, de fato não seria difícil ampliar a lista de identidades atribuídas, demonstrando assim a “impressionante complexidade da tarefa” (p. 19)

Portanto, como parte dessas diversas identidades sociais que caracterizam os indivíduos da nossa sociedade atual está a identidade profissional, relacionada com a atuação deste indivíduo como prestadores de serviços. Franzoi (2006) define o conceito de profissão através da relação entre o trabalho desenvolvido e o reconhecimento da utilidade deste trabalho pela sociedade. Ela aponta que:

Esse reconhecimento social da utilidade dessa atividade se dá através da inserção do indivíduo no mercado de trabalho, correspondente ao conhecimento adquirido. Estreitamente ligado a esse reconhecimento social e ao saber nele implicado está o reconhecimento pelo sujeito que é dele o portador. (FRANZOI, 2006, p. 20).

Porém, Malvezzi (2000) afirma que ao haver uma incerteza ou uma ambigüidade nesses papéis, há possibilidade de haver uma crise de identidade, proveniente da indefinição da função deste indivíduo. Dubar (1997b *apud* LOURO, 2004, p. 13) trata do aspecto da crise de identidade que circunda o processo identitário:

O trabalho está no centro do processo de construção, destruição e reconstrução das formas identitárias, por que é no trabalho que os indivíduos, nas sociedades salariais, adquirem o reconhecimento financeiro e simbólico da sua actividade. É também apropriando-se do seu trabalho, conferindo-lhe um “sentido”, isso é, dando-lhe, ao mesmo tempo, uma significação subjetiva e uma direção objetiva, que os indivíduos ascendem à autonomia e à cidadania. E quando este processo é perturbado é que o trabalho perde a sua centralidade e que a “crise social” toma aspectos dramáticos que provocam formas diversas de “perda de identidade” e de múltiplos sofrimentos (DUBAR, 1997b, p 51 *apud* LOURO, 2004, p. 13).

Esta crise pode ser relacionada também ao meio musical. Como dito anteriormente, o músico muitas vezes busca em outras atividades profissionais aspectos não encontrados no seu trabalho, como oportunidade de emprego, estabilidade financeira, vínculo empregatício, entre outro. Isto pode gerar, muitas vezes, uma frustração pessoal, caso haja alguma dificuldade de adaptação ou auto reconhecimento.

Moita (1995) acredita que a identidade profissional se desenha através das interações com outros universos socioculturais, assim “os efeitos das porosidades ou dos fechamentos, que acontecem entre os vários universos de pertença, podem ajudar a compreender o papel da profissão na vida e o papel da vida na profissão” (p. 116).

A atividade docente, segundo Novoa (1999) tinha o caráter de ocupação secundária na gênese da profissão, efetuada de forma subsidiária e não especializada por religiosos e leigos, que só ao longo dos séculos XVII e XVIII ganharam mais estrutura no que se refere a valores, normas e técnicas através das congregações religiosas. Porém, a identidade profissional docente é um tema amplamente debatido na atualidade.

Compreender como este profissional se reconhece enquanto atuante desta prática, pode influenciar diretamente em todo processo pedagógico. Nóvoa (1995) analisa a importância do professor no processo ensino/aprendizagem. Ele afirma que por décadas houve a tentativa da racionalização do ensino, a qual buscava controlar ou desconsiderar aspectos imprevisíveis ou aleatórios, comum no cotidiano educativo. Porém, destaca que a partir da publicação do livro *O professor é uma pessoa*, em 1991 por Ada Abraham, uma nova visão sobre a influência do professor no processo de ensino/aprendizagem ganhou destaque com publicações que abordavam a vida dos professores, as carreiras e percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou desenvolvimento pessoal de professores.

Tais publicações destacam-se por “recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação.” (NÓVOA, 1995, p. 15), pois, “no mundo do desenvolvimento dos professores, o ingrediente principal que vem faltando é a voz do professor” (GOODSON, 1995, p. 69). Assim, progressivamente, as pesquisas referentes às práticas de ensino são complementadas pela subjetividade do professor (GOODSON e WALKER, 1991 *apud* NÓVOA, 1995, p. 15).

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este fato surpreendente. O que considero surpreendente, se não francamente justo, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes. (GOODSON, 1995, p. 71)

Com isso, pode-se afirmar que o auto reconhecimento como docente é relevante, já que esta influência em todo o processo de ensino/aprendizagem, vinculado aos seus princípios, atitudes e motivações, onde “o aspecto pessoal apresenta-se irrevogavelmente

associado à prática. É como se o professor *fosse* a sua própria prática. (GOODSON, 1995, p. 68).

O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia nossa actividade, pelo sentimento de que controlamos nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. (NÓVOA, 1995, p. 16).

Para Nóvoa (1995) existem três AAA que sustentam o processo identitário dos professores: Adesão – à princípios e valores e investimento na potencialidade do aluno; Ação – adequando à melhor maneira de agir, de ensinar; e Autoconsciência – que baseia-se na reflexão sobre sua prática. Pode-se observar claramente a relação entres estes aspectos, pois ao ensinar um conteúdo a alguém (ação), esta recebeu ou receberá influência direta de uma reflexão (autoconsciência) sobre a forma de agir, motivada pela crença na potencialidade do receptor (aluno) em absorver o conteúdo (adesão).

A identidade é tratada não como uma forma única, rígida, mas como um processo que se modifica ao longo da vida, fazendo parte da sua própria formação.

O processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria reconhecendo-se a mesma ao longo de sua história, se forma, se transforma, em interacção (MOITA, 1995, P. 115)

Este processo identitário de reconhecimento ao longo de vida no meio musical está muito presente na dualidade entre ser performático e ser professor de instrumento. Como fica a identidade profissional deste músico? Há predominância da prática performática ou da atuação como professor? Tal questão pôde ser melhor compreendida através da tese de doutorado de Ana Lúcia de Marques e Louro (2004) intitulada *Ser docente universitário-professor de música: dialogando sobre identidades profissionais com professores de instrumento*. Em sua pesquisa, a autora apresenta reflexões acerca do professor de instrumento no Curso Superior de Música que realiza a atividade docente sem, muitas vezes, ter orientação prévia sobre as peculiaridades pedagógicas, demonstrando dificuldades e problemas identitários.

Diferentemente do espaço universitário apresentado por Louro (2004), este auto reconhecimento em professores particulares de instrumento se torna muito mais fragilizado. Estes profissionais desempenham, muitas vezes, suas funções de maneira secundária, como aspecto complementar à sua renda. Outro ponto importante é a não formalização desta profissão, a qual ocorre em domicílio, descaracterizando o espaço profissional, como é o caso de uma escola.

Adriana Bozzetto (1999, 2004) abordou especificamente o ensino particular de instrumento musical analisando em suas pesquisas, a identidade profissional de treze professores particulares de piano que atuavam em suas residências idades entre 62 e 79 anos, a partir de suas histórias e perspectivas. Com isso, a autora conseguiu retratar aspectos específicos desta prática, no que se refere à forma de atuação, preferências e características do ambiente. Além disto, foi destacado a importância deste profissional na formação de futuros músicos.

Considerações Finais

Desvelar alguns aspectos do mundo vivido por músicos que se tornaram professores particulares de instrumento, aqui especificamente pesquisado, de violino, trouxe à tona para a área de Educação Musical, um novo universo de professores que pertencem à essa área de conhecimento, mas que além de não se reconhecerem como tal, também não perceberam, de modo consciente, “como se tornaram professores”.

O texto aqui apresentado teve o intuito de visitar autores que tratam desse universo de profissionais que percorrem caminhos incertos, esperando que eles pudessem nos ajudar a entender, de modo mais acurado, o ensino particular de instrumento, dando ênfase aos processos identitários de profissionais que mesmo ainda não se reconhecendo como tal, já se tornaram professores e, por isso, protagonizam um cenário significativo da educação, nesse caso, da Educação Musical.

Com isso, pôde-se verificar que ao realizar múltiplas atividades profissionais, um músico que inicialmente só se via como instrumentista performático, agora descobre na docência uma nova carreira, tornando-se professor. Entretanto, o ensino particular, muito característico de “porta de entrada” para um horizonte ainda desconhecido, torna-se um laboratório de aprendizado, carregado de incertezas e fragilidades, sobretudo de sua própria

identidade.



XII Encontro Regional Nordeste da ABEM
Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento
São Luis, 29 a 31 de outubro de 2014



Referências

- BASTIAN, Hans G. A pesquisa (empírica) na educação musical à luz do pragmatismo. Tradução de Jusamara Souza. In: *Em Pauta*, v. 11, n. 16/17, p. 50-73, PPG em música/UFRGS, Porto Alegre, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Bemedito Vecchi*. Rio de Janeiro. Zahar. 2005a.
- _____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro. Zahar. 2005b.
- BOZZETO, Adriana. *Ensino particular de música: práticas e trajetórias de professores de piano*. Porto Alegre. Editora da UFRGS/Editora da FUNDARTE, 2004.
- _____. *O professor particular de piano em Porto Alegre: Uma investigação sobre processos identitários na atuação profissional*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. PPGMUS/UFRGS. 1999.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo. Martins Fontes. 2005.
- FRANZOI, Naira Lisboa. *Entre a formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais*. Porto Alegre. UFRGS. 2006.
- KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Tradução de Jusamara Souza. In: *Em Pauta*, v. 11, n. 16/17, p. 50-73, PPG em música/UFRGS, Porto Alegre, 2000.
- LOURO, Ana Lúcia de Marques e. *Ser docente universitário-professore de música: dialogando sobre identidades profissionais com professores de instrumento*. Tese de Doutorado. Porto Alegre. PPGMUS/UFRGS. 2004.
- MALVEZZI, Sigmar. A construção da identidade profissional no modelo emergente da carreira. *Organização & Sociedade* – publicação da Escola de Administração da UFBA, Salvador, v. 7, n.17, p. 137 – 143, jan/abr. 2000.
- NÓVOA, António (Org.). *Vidas de Professores*. 2 ed. Porto. Porto Editora. 1995.
- _____. *sala de aula*. 3 ed. Campinas-SP. Papyrus. 2010.
- SMILDE, Rineke. A profissão de músico e o profissional da música: uma reflexão. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 19, n. 32/33, 110-117, janeiro a dezembro 2008.
- VIEIRA, Alexandre. *Professores de violão e seus modos de ser e agir na profissão: um estudo sobre culturas profissionais no campo da música*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre. PPGMUS/UFRGS. 2009.